

# VALORES E ATITUDES ÉTICAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO INICIAL DOS ESTUDANTES DE MEDICINA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

## VALUES AND ETHICAL ATTITUDES IN THE INITIAL TRAINING OF MEDICAL STUDENTS: SOME CONSIDERATIONS

EMÍLIA PEREZ<sup>1\*</sup>, SANDRA MARIA DIAS QUEIROZ<sup>2</sup>

1. Doutora em Medicina Clínica; Coordenadora do Curso de Medicina da Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba; 2. MS, em Educação, Pedagoga, Farmacêutica e Bioquímica, Prof. do Curso de Medicina da Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba (FCMPB) e assessora pedagógica.

\*Avenida Presidente Epitácio Pessoa, 2515 - S1102 – Centro, João Pessoa, Paraíba, Brasil. CEP 58039-000. [sdiasq@ibest.com.br](mailto:sdiasq@ibest.com.br)

Recebido em 06/05/2014. Aceito para publicação em 27/06/2014

### RESUMO

O presente texto aborda o tema do desenvolvimento de valores e atitudes éticas na formação inicial dos estudantes de medicina. É uma temática importante quando se pensa, e trabalha, na perspectiva da formação integral dos futuros médicos. O objetivo deste texto é o de provocar uma reflexão acerca das possibilidades de intervenção pedagógica no processo de formação inicial destes profissionais de saúde, que favoreçam a convivência saudável e respeitosa nos ambientes acadêmicos e nos campos de estágios.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ética, formação inicial, formação integral, prática pedagógica.

### ABSTRACT

This paper addresses the issue of developing values and ethical attitudes in the initial training of medical students. It is an important issue when thinking about and working from the perspective of comprehensive training, full, future doctors. The aim of this paper is to provoke a reflection about the possibilities of educational intervention in the process of initial training of health professionals, to encourage the healthy coexistence and respectful academic environment and in the fields of stages.

**KEYWORDS:** Ethics, initial training, full training, teaching practice.

## 1. INTRODUÇÃO

É possível, no tempo da formação inicial dos estudantes de medicina, favorecer a construção de valores e atitudes éticas? Nós, professores, como educadores, estamos atentos e preparados para trabalhar com esse aspecto da formação? Temos consciência que somos exemplos? Sentimo-nos responsáveis por essa formação? Ou nossa responsabilidade se atém apenas à instrução dos ensinamentos técnico-científicos da profissão médica?

Questões complexas, sem dúvida, que exige dessas

autoras prudência na sua abordagem, até porque nem somos filósofas de profissão, muito menos especialistas no tema da ética. No entanto, como educadoras e enfrentando os problemas de relações interpessoais nos diversos cenários de aprendizagem ousamos adentrar nesta discussão.

O objetivo é o de desencadear um processo de reflexão no interior dos cursos de medicina, convidando estudantes, dirigentes, professores, preceptores, funcionários, a um repensar das nossas práticas de convivência, dos nossos modos de agir, no sentido de podermos enfrentar o desafio da formação integral dos estudantes de medicina, futuros cidadãos, futuros médicos. Por formação integral, no âmbito deste texto, entende-se o complexo processo de possibilitar aos estudantes que desenvolvam não só a competência técnico-científica, mas, também, que sejam capazes de estabelecer relações humanas respeitadas e éticas nos diversos tempos e espaços do seu convívio pessoal e profissional.

O texto, inicialmente, aborda os problemas de convivência que vêm se manifestando nos diferentes cenários de aprendizagem, os quais têm gerado conflitos de relacionamento interpessoais e institucionais; e, em seguida, são apresentadas algumas sugestões, ainda que tímidas, para o seu enfrentamento.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### Os problemas de convivência

Os problemas de convivência que vêm surgindo, com muita força, nos diversos cenários da formação médica - sala de aula, unidades básicas de saúde, clínicas, hospitais, entre outros - vão desde o desconhecimento, e até mesmo desobediência, por parte dos estudantes das regras sociais da Instituição, passando por vestimentas inapropriadas para um ambiente de trabalho, por resistência no uso do crachá de identificação, chegando a

atitudes desrespeitosas para com professores, preceptores e equipe de trabalho das unidades de saúde.

Diante desses problemas, questionamos: há consciência de que estes comportamentos representam violência contra as pessoas e as instituições? São práticas intencionais e formas deliberadas de agir? Há consciência desses jovens de que agindo assim estão pondo de lado a moral e a ética e que estão correndo o risco de serem penalizados?

De certa forma esse comportamento pode ser expressão de um sentimento de liberdade impensado, devido, tudo indica, a uma perda de referência daqueles valores morais e éticos tão fundamentais para uma boa convivência social. A reconstrução desses valores e atitudes passa por um movimento social mais amplo, de mudanças no modo de produção da vida em geral, afinal, estamos todos vivendo o reflexo de uma crise civilizatória, como nos informa o filósofo Edgar Moran (2000)<sup>1</sup>. No entanto, sabemos que as mudanças que acontecem nos microespaços da sociedade podem influenciar de forma positiva no comportamento geral da mesma, crescendo, assim, o valor das intervenções pedagógicas.

Como sensibilizar, então, os estudantes para o respeito às pessoas, independentemente da sua condição social, da etnia, da opção sexual, da opção ou não por uma religião; para o respeito às normas de convivência de um ambiente, ainda que se adote uma postura crítica frente a elas, quando necessário. Eis o nosso desafio, de professores-educadores, o de desenvolver um processo educativo que favoreça uma aprendizagem consciente, ou seja, reflexiva, dos valores universais<sup>2</sup>, aqueles que dignificam o ser humano: respeito, honestidade, generosidade, resiliência, tolerância, entre outros.

A necessidade desta aprendizagem está colocada nos preceitos e prerrogativas do código de ética do estudante de medicina, onde nos orienta: “O estudante de medicina, futuro médico, tem que cumprir os princípios básicos da profissão, aprofundando seu vínculo ético e humanístico, para que seja um profissional digno, correto, honrando a profissão que escolheu”<sup>3</sup>. Esse código nos orienta, ainda, que se ele tem o direito de:

“I - Exercer suas atividades práticas sem ser discriminado por questões de religião, raça, sexo, nacionalidade, condição social, opinião política ou de qualquer outra natureza; e II - Apontar falhas nos regulamentos e normas das instituições que exerça sua prática, quando as julgar indignas do ensino ou do exercício médico devendo dirigir-se, nesse caso, ao setor competente imediato”

(...) ele tem o dever de: “I – Exercer suas atividades com respeito às pessoas, às instituições e às normas vigentes”.

Temos consciência dos limites das Instituições Universitárias e, portanto, dos Cursos, no desenvolvimento dessa aprendizagem. Porém, entendemos, com base no

pensamento de Severino (1994)<sup>4</sup>, que a questão ética, “*fundamental na filosofia contemporânea, pois trata-se de fundamentar os nossos juízos de valor moral e de legitimar as nossas opções de ação*”, possui um caráter praxista, quer dizer, os valores têm uma natureza histórico-cultural. Dessa forma, somos responsáveis pela transformação desse estado de coisas, bem como por sua permanência, quando nos omitimos de agir em prol de relações sociais dignas do ser humano.

Renunciar ao ensinamento dessa aprendizagem seria um contrassenso, porque estaríamos negando o que é mais essencial num processo formativo, a formação de melhores pessoas, de melhores seres humanos, para além da responsabilidade de formar médicos competentes científica e tecnicamente. Ou melhor, essa competência passa hoje, mais do que nunca, pela construção dos melhores valores humanos.

Também seria ir de encontro às aprendizagens fundamentais apontadas pela UNESCO em seu último relatório sobre a educação para o século XXI, que são: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver juntos e aprender a ser. A esse respeito, a professora Viviane Gonzáles (2000)<sup>5</sup>, interpretando de forma muito particular essas aprendizagens, enfatiza:

Aprender a conhecer significa dominar os métodos e técnicas da aprendizagem que capacitam o homem para a construção permanente do conhecimento; Aprender a fazer significa dominar as habilidades necessárias na aplicação dos conhecimentos teóricos à prática; Aprender a viver juntos significa atuar coletivamente na procura de soluções aos problemas científicos e sociais, viver em harmonia, de forma fraterna e colaborativa; Aprender a ser é a expressão suprema do desenvolvimento humano; é conseguir a autonomia moral e intelectual, é converter-se em sujeito do desenvolvimento pessoal e social.

## O enfrentamento

Possibilitar que os estudantes aprendam a viver em harmonia, de forma solidária, colaborativa e democrática, transformou-se, então, num objetivo educativo, assumido formalmente nos projetos pedagógicos dos cursos de medicina. Dessa forma, estamos nos comprometendo com a construção dos melhores valores humanos nos estudantes.

Sabemos que ações já vêm sendo realizadas no interior dos cursos de medicina, no sentido da prevenção a problemas de comportamento social dos estudantes, mas é chegada a hora de intensificá-las e aprofundá-las. Na nossa Instituição, por exemplo, estamos pensando adotar medidas de curto, médio e longo prazo, de forma a atender, de fato, os compromissos assumidos. Como medidas de curto prazo, e de caráter mais externo, estão as seguintes: - padronização de vestimentas no campus universitário; - identificação obrigatória nos ambientes

da Instituição por meio de crachás; - proibição de levar lanches para o interior das salas de aula e demais ambientes acadêmicos; discussão das normas institucionais no início dos semestres; - proibição de trotes no interior da instituição.

São medidas tímidas, bem sabemos, mas acreditamos que algo precisa ser feito. Outras, mais profundas, precisam ser pensadas no âmbito do planejamento e desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, de forma a transversalizar os objetivos educativos do eixo Desenvolvimento pessoal e profissional, que é aquele eixo dentre os demais que estruturam o currículo do curso (eixo técnico-científico e eixo Integração, Ensino e Serviço) o que mais diretamente se relaciona com a formação de valores e atitudes éticas. Essa medida, requer mais tempo e reflexão.

### 3. CONCLUSÃO

A intenção com essas breves palavras foi a de provocar uma reflexão sobre a necessidade de se pensar a formação dos estudantes de medicina na perspectiva da formação integral. Portanto, é necessário nos atentarmos para a promoção de ações pedagógicas que visem desenvolver nos futuros profissionais médicos a capacidade crítica frente ao saber, ao saber-fazer da profissão, bem como ao seu desenvolvimento pessoal e profissional; a criatividade para atuar em situações limites e resolver os problemas inerentes à relação saúde-doença; o senso de responsabilidade social e o agir pautado em princípios éticos<sup>6</sup>. Eis o desafio, o nosso desafio, o de professores-educadores, quando se assume a formação integral. Como alcançá-lo depende, em boa medida, das nossas forças, possibilidades e do contexto.



### REFERÊNCIAS

- [1] Morin E. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- [2] Zabalza M. Como educar em valores na escola. Revista Pátio. Porto Alegre: Editora Artmed. Ano 4, n14, Mai/Julh 2000.
- [3] Conselho Regional de Medicina-PB. Código de ética do estudante de medicina. 4 ed. 2009.
- [4] SEVERINO, Antônio Joaquim. Em busca de uma nova ética. In. \_\_\_\_\_. Filosofia da Educação: construindo a cidadania. São Paulo: FTD, 1994. .
- [5] Maura VG. A educação no novo milênio: um desafio ao desenvolvimento pleno do homem. Texto mimeo. Palestra proferida no Centro Universitário de João Pessoa, na abertura da Semana Didática de 2000.
- [6] Queiroz SMD, Hirsch-Monteiro C. Avaliação do processo ensino-aprendizagem: outros caminhos, novas possibilidades. Texto apresentado no curso de formação pedagógica dos professores de medicina da Universidade Federal de Paraíba. 2010.